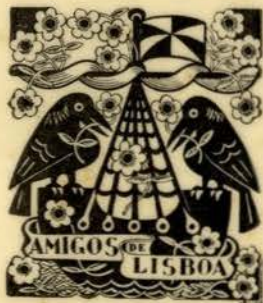




OLISIPO

BOLETIM
TRIMESTRAL
DO GRUPO

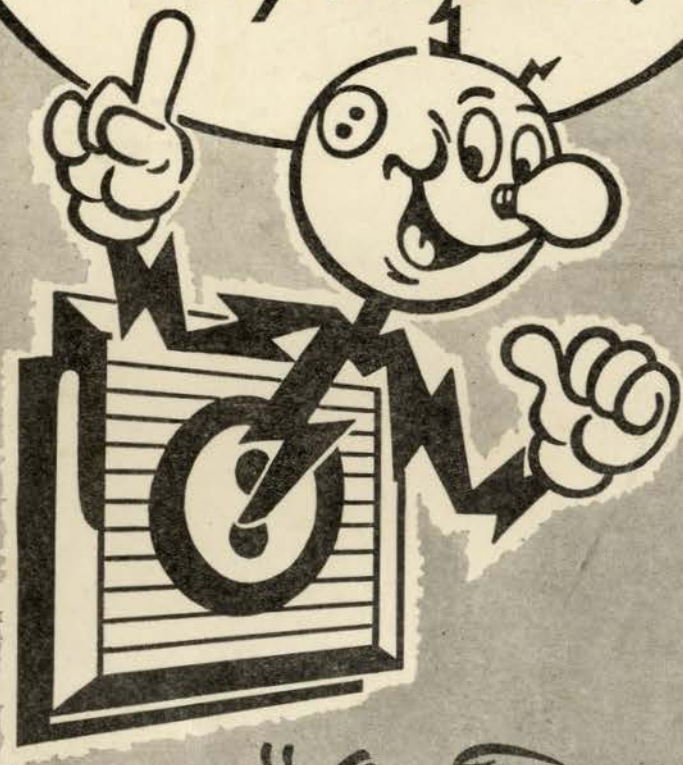
“AMIGOS DE LISBOA”



ANO XVII — N.º 68

OUTUBRO DE 1954

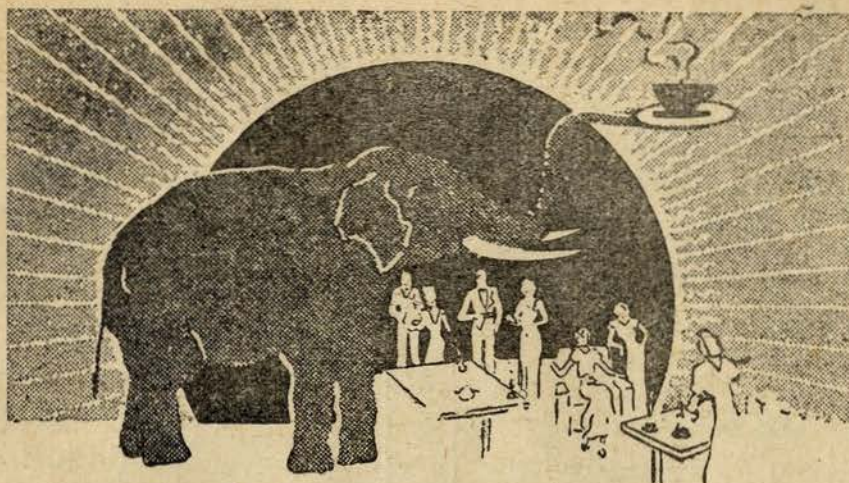
**VIVA
COM TODA
A COMODIDADE**
*que a electricidade
lhe pode dar!*



"O Faisca"

Seu Criado Eléctrico

C. AS R. DAS GÁS E ELECTRICIDADE · LISBOA



CHÁ CELESTE

preto e verde, uma delícia!

A marca  *mundial*
UN PRODUTO SUECO DE QUALIDADE

FRIGORÍFICOS
ASPIRADORES—ENCERADORAS
MÁQUINAS DE COZINHA
MAQUINAS PARA LAVANDARIAS

ELECTROLUX, L.^{DA}

LISBOA

SEDE E EXPOSIÇÃO
R. Pascoal de Melo, 7
Telefs.: 56115 — 4 linhas

EXPOSIÇÃO
Av. da Liberdade, 141 1.º
Telefs.: 28246/32901



Camilo Castelo Branco

O mais apreciado e o mais português
de todos os romancistas

Edição popular das suas principais obras
em 80 volumes

Conheça, Leia, Aprecie, Divulgue

CAMILO

EDIÇÕES DA

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

RUA AUGUSTA, 44 a 54

Telef. 31730 End. telegr. PARCEPEREIRA

E. Pinto Basto & C.^a L.^{da}

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS
E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS, ETC, ETC.

no PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.^a, L.^{da}

AMIGOS DE LISBOA

PREFIRAM PARA OS
VOSSOS CONTRATOS
A CONHECIDA
COMPANHIA INGLESA
DE SEGUROS

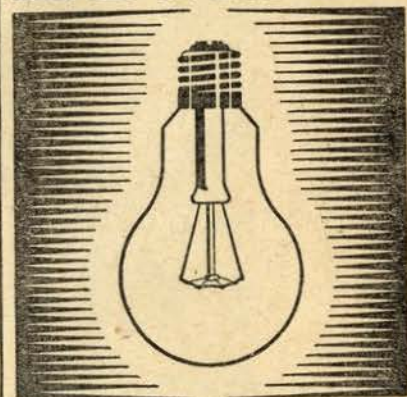
LEGAL & GENERAL

QUE REPRESENTA
UMA GARANTIA DE

200 MILHÕES
DE LIBRAS

Rua do Alecrim, 38, 2.º — LISBOA

LUMIAR



A MAIS LUMINOSA

OFICINA DE TORNEIRO DE METAIS

DE B. DIAS & DIAS, LDA.

Trabalhos de Funileiro
e Construção Civil



Instalações para Água,
Gás e Electricidade

Todos os artigos referentes a Folha Branca — Esquentadores para gás e petróleo
Lavatórios — Retretes — Bidês — Banheiras — Lava-louças de vários sistemas — Candeeiros
para Electricidade e Gás — Camisas, Chaminés e Lâmpadas de todas as marcas
Fazem-se todos os trabalhos pertencentes à sua Indústria—Colocação de Bombas e Conselhos
Rua Nova da Trindade, 11-F,— Telefone 22648 — LISBOA

Telefone 58-609

*reparações, instalações, rádio
som, electricidade, água, gás,
força motriz*

Electro-Som

Francisco Felgueiras, L.^{da}

*aluga amplificadores com discos
máquinas, de gravação, música
gravada para bailes, particulares,
feiras, arraiais, e festas religiosas*

Estrada de Benfica, 317-A

LISBOA

Rua António Nobre, 7-3.º E.

Bertrand (Irmãos), L.^{da}

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA



FOTÓLITO
DESENHO

T. Condessa do Rio, 27 — Telef. 2 1368 2 1227

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África

SEDE
RUA DO COMÉRCIO, 85
LISBOA

SUCURSAL
RUA INFANTE D. HENRIQUE, 73
PORTO

*Serviço rápido de passageiros para a África Ocidental e África Oriental,
Brasil e América do Norte*

FROTA DA C. N. N.

«Moçambique»	18.220 Ton.	«Sofala»	18.520 Ton.
«Angola»	18.250 »	«Moçâmedes»	12.990 »
«Quanza»	11.550 »	«Rovuma»	12.990 »
«Luabo»	3.030 »	«S. Thomé»	12.550 »
«Zambézia»	3.538 »	«Nacala»	5.130 »
«Lúrio»	3.538 »	«Tagus»	2.320 »
«Índia»	11.400 »	«Angoche»	1.950 »
«Timor»	11.400 »		
«Save»	2.680 »		
		Em construção	
		«Niassa»	10.000 Ton. D. W.

AGÊNCIAS EM TODOS OS PORTOS AFRICANOS E NOS PRINCIPAIS PORTOS DO MUNDO



Domingos de Lisboa



PARQUE FLORESTAL DE MONSANTO

UMA das mais belas realizações que a Câmara Municipal de Lisboa empreendeu nos últimos anos é, sem dúvida, o Parque Florestal de Monsanto, onde os trabalhos de arborização se iniciaram em 1938.

Limitado por uma linha perimetral de 20.000 metros, e abrangendo uma área de 911 ha. (cerca de 1/8 da área da Cidade), o Parque está quase completamente povoado por mais de um milhão de árvores e arbustos, representando para cima de 150 espécies, onde predominam pinheiros, carvalhos, eucaliptos, cedros do Buçaco, acácias, ulmeiros, amendoeiras e zambujeiros.

Os locais de maior interesse são: os miradouros de Montes Claros, do Moinho de Vento, do Mocho, da Luneta dos Quartéis e da Ponte, o Parque Infantil e o Clube de Ténis.

Referindo-se a Monsanto, Raul Proença diz:
«O panorama que do alto das esplanadas do antigo forte se domina sobre a região de Lisboa é um verdadeiro deslumbramento pela luz, pela variedade, pela amplitude e pela grandeza».

PARA O PARQUE FLORESTAL DE MONSANTO A CARRIS ORGANIZA EXCURSÕES AOS DOMINGOS E DIAS DE FERIADO NACIONAL, DEPOIS DAS 14 HORAS.

SERVEM TAMBÉM ESTE PARQUE OS «ELÉCTRICOS» DA CARREIRA 18 E AUTOCARROS DAS CARREIRAS 14, 20 E 23





Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

LOTARIA

EXTRACÇÕES SEMANAIS

Prémios maiores.	}	1.000 contos
		100 contos
		50 contos



Os lucros líquidos revertem para a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e demais instituições de assistência pública, nos termos da legislação em vigor

Porcelanas da Vista Alegre

Já há seis gerações que os lisboetas as apreciam

===== LARGO DO CHIADO, 18 — LISBOA =====

Pérola do Rocio, L.^{da}

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

Envio de encomendas, para todo o país e estrangeiro

Rocio, 105 - LISBOA Telefone 2 0744

Telef. 2 0244

Teleg. PAPELCAR

PAPELARIA CARLOS

DE — CARLOS FERREIRA, L.^{DA}

34, RUA DO OURO, 38

LISBOA

Especialidade em livros para ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Grande sortido de artigos para DESENHO E ESCRITÓRIO

OURIVESARIA DA GUIA

FUNDADA EM 1875

No seu sortido de pratas apresenta as mais belas cópias de modelos antigos
Serviços — Serpentinhas — Salvas e Tabuleiros

Rua Martim Moniz, 2-10 — Telefone 28336

Rua da Mouraria, 7-11 (Junto à Capela de N.^a S.^a da Saúde)

LISBOA

Oferia

27. JUL. 1988

OLISIPO

BOLETIM TRIMESTRAL

ANO XVII

OUTUBRO DE 1954

NÚMERO 68

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

Edição e Propriedade do

GRUPO «AMIGOS DE LISBOA»

Redacção e Administ.: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º — Telefone 2 5711

Comp. e imp. na «Editorial Império, Lda.» — Rua do Salitre, 151/155



SUMÁRIO

	Pág.
Sumos da Índia, por <i>Matos Sequeira</i>	141
Gravura de Goa, com nota por <i>Matos Sequeira</i>	142
Lisboetas na Índia e Luso-Indianes em Lisboa, pelo <i>Dr. Eduardo Augusto da Silva Neves</i>	143
O Monumento a Afonso de Albuquerque, em Belém, pelo <i>Dr. Mário Nunes Costa</i>	150
Da Lisboa de quinhentos à Lisboa da Restauração, por <i>Ferreira de Andrade</i>	154
Fotografias de Lisboa, por <i>Eduardo Portugal</i>	157
Actividade Cultural no trimestre passado por <i>E. N.</i>	164
Feira da Ladra	166

NA CAPA — Torre das Portas do Sol, vista da «Casa dos Arcos», na Calçada de S. João da Praça

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores

OLISIPPO

BOLETIM TRIMESTRAL

NOVEMBRO 68

OUTUBRO DE 1968

ANO XVII

DIRECTOR: MATOS SEQUEIRA EDITOR: FRANCISCO VALENÇA

Editor e Proprietário de

GRUPO AMIGOS DE LISBOA

Endereço e Administração: Largo Teófilo Garcia, 11 - Telefone 3211

Casa e loja na Edifício Imperial, Lda. - Rua do Salitre, 101/102

SUMÁRIO

102	Notas de Lisboa por Matos Sequeira
103	Gravura de Goa, com notas por Matos Sequeira
104	Literatura em Lisboa e Lisboa-Literatura em Lisboa, por Dr. E. Silva
105	de A. Silva
106	O Monumento a Afonso de Albuquerque em Lisboa, por Dr. M. S. Silva
107	Os jardins de Lisboa, por E. Silva
108	Associação Cultural no terreno português por E. Silva
109	Notas de Lisboa

NA CASA - Torre das Fontes do Sal, rua de Alameda, 102
Cidade de Lisboa de França

ALUGADA DA CASA

Distribuição gratuita a todos os sócios

Os artigos são publicados sob a exclusiva responsabilidade dos seus autores

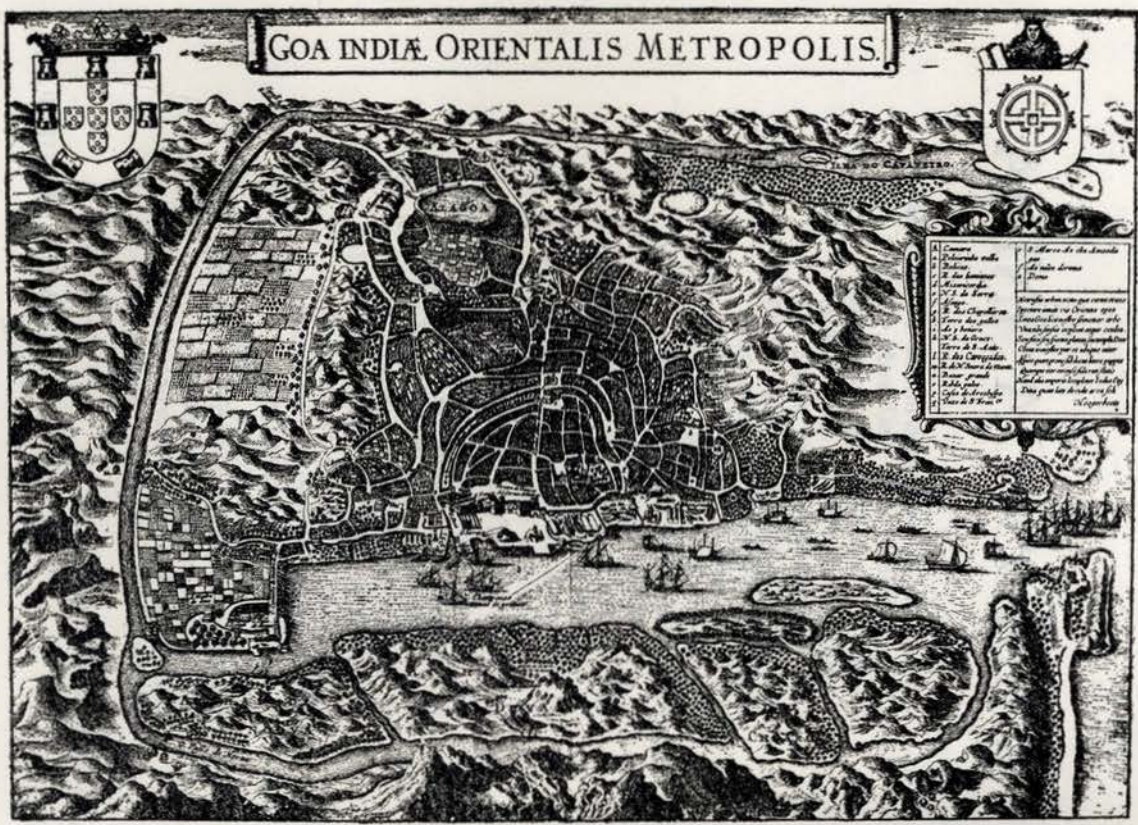
FUMOS DA ÍNDIA

*Fumos da Índia ergueram-se e toldaram
o nosso claro ambiente.
E esta Lisboa donde se apartaram
as naves na procura do Oriente,
e donde a nossa gente
partiu, buscando pelo mar caminho,
e na luta vendendo a vida cara
contra o Turco daninho
dominador da terra que sonhara,
hoje estremece e sente que lhe acorda
aquele coração
que destruiu essa aguerrida horda
em tempos que lá vão.
O inimigo é outro, mas que importa,
que nos ameace e cerque
o Hidalcão, o Turco ou o Nehru.
Se mal nos quiere quem nos bate à porta
a resposta é a mesma de Albuquerque
aos enviados do Rei de Calecut.
O resto não sabemos...
O tempo é outro, há outras realidades,
mas há casos supremos
que igualam as ideias e as idades;
e a portuguesa Goa,
como a portuguesíssima Lisboa,
um grande abraço estreitam, através
dos undosos oceanos
que já há mais de quatrocentos anos
ouvem falar... e sabem português.*

Lisboa, 13 de Agosto de 1954

MATOS SEQUEIRA

142



Vista-planta da cidade de Goa, reproduzida da obra seiscentista «Theatrum Praecipuarum Totius Europae Urbium» publicada em Amsterdam por Frederic de Wit

LISBOETAS NA ÍNDIA E LUSO-INDIANOS EM LISBOA

*Conferência proferida na Sede do
Grupo «Amigos de Lisboa», em 13 de
Agosto de 1954, pelo Secretário-geral
Doutor Eduardo Augusto da Silva Neves.*

Senhor Presidente,
Minhas Senhoras
e Meus Senhores:

Por que se julgou mister virem os «Amigos de Lisboa» acrescentar mais, ao que já disseram sobre os tristes sucessos da nossa Índia, foi necessário encontrar alguém, que de pronto, aqui viesse dizê-lo.

E assim, eu, à falta de quem melhor o fizesse, vim, para afirmar, que sempre os lisboetas se interessaram pela Índia e que nela sempre lutaram os seus naturais, desde as mais remotas eras.

Portugueses, como todos, os lisboetas sentem e vivem ansiosos as horas que passam e de coração constrangido, lágrimas nos olhos, mas alma ardente e patriótica, vibram com entusiasmo e com fé no desfecho da questão e esperança na sua fé.

Vêm partir os seus, lamentando a sua ausência, mas, como nas horas heróicas de antanho, invejam a sorte dos que podem, em defesa da honra da Pátria, ir mares em fora, mostrar ao mundo que onde é Portugal lá estão sempre os seus filhos e que não é qualquer que se lhe antepõe.

Os «Amigos de Lisboa» desde a primeira hora, acompanharam o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, quando em nome do povo da cidade foi ao Chefe do Estado levar-lhe a mensagem de protesto, enviando-lhe por essa ocasião o seguinte telegrama:

«Grupo «Amigos de Lisboa» acompanha V. Ex.^a no doloroso transe actual, protestando enèrgicamente contra inqualificável violência cometida, pondo-se inteiramente ao vosso dispor».

e agora pela minha voz, vêm dizê-lo em público e razo, na sua sede e ante V. Ex.^{as}, o que lhe vai na alma.

Indignação, solidariedade e fé.

Indignação pelo atentado caviloso contra a nossa soberania.

Solidariedade para com os nossos irmãos de Além-mar.

Fé na vitória do direito e da justiça que nos assiste.

A despeito de já ter sido sobejamente demonstrado, através da história e nos últimos dias em artigos e conferências o interesse que a Índia sempre mereceu a Portugal metropolitano e as páginas heróicas



A mesa que presidiu à sessão e o conferente

e gloriosas que para a civilização lá tem ditado para a História, tomei a peito, hoje, sumariamente, frisar e vincar aqui, os feitos de alguns, que naturais de Lisboa, por lá mourejaram afirmando o valor, o tacto e a firmeza da nossa gente.

Depois da explícita nota, abonatória da nossa boa-fé e das propostas tão leais, como claras do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da lição de direito internacional do Senhor Presidente do Conselho, que por si só honra uma época e uma cultura — a dele e a do nosso País — só nos resta, a certeza do dever cumprido e do dever a cumprir, que cumpriremos.

Triste fatalidade que não criámos, mas que com dignidade estamos enfrentando, como nos cumpre por dever imperativo de patriotismo e de honra.

Está tudo dito, provado e demonstrado com ciência e consciência nos campos moral e histórico, só resta corroborá-lo e isso fazem os «Amigos de Lisboa» com esta sessão e a aquiescência de V. Ex.^{as}.

Embora sejam legião os lisboetas que na Índia têm servido são também plêiade, os de grande quilate.

Nas letras — nas artes — na administração.

Desde os heróis lendários, até aos santos consagrados, tudo lá temos tido.

Vou, sem ordem cronológica, lembrar-vos alguns, mero propósito evocativo que só tem em mira o propósito da ocasião e pretexto do momento.

Luís de Camões esteve em Goa, serviu na Índia, lá deu largas à sua música satírica, o que lhe valeu dissabores, e por lá andaram «Os Lusíadas», escritos em Macau e naufragados com o autor na foz do Rio Mecon.

Diogo do Couto foi para a Índia aos catorze anos de idade, continuou as «Décadas», de João de Barros. Posto não fosse este nosso conterrâneo, tão brilhante literariamente como o seu antecessor, foi certamente menos fantasioso e mais historiador.

D. Francisco de Almeida, o primeiro Vice-rei da Índia, foi notável na sua acção militar e administrativa. Na Índia perdeu seu filho o valoroso D. Lourenço de Almeida e veio a morrer em combate mesquinho em 1510 cerca do Cabo da Boa Esperança.

Em 1545, outro lisboeta ilustre, D. João de Castro, que escreveu o «Roteiro do Mar Roxo», e que fora aluno de Pedro Nunes, o inventor do «Nónio», foi para a Índia e em Dio criou a sua coroa de glória entretecida pela sua galhardia, aprumo militar e isenção.

São sempre de referir as suas acções, de seguir os seus exemplos e de ler as suas palavras. Acerca de Dio disse a seu filho Álvaro quando este foi socorer a fortaleza ameaçada pelo gentio: — «Por cada pedra de Dio, arriscarei um filho. O nascimento em todos é igual, as obras fazem os homens diferentes e lembro-vos que o que vier honrado, esse será meu filho».

Hoje, aos que partem o mesmo se poderá dizer, mas, como então, não será necessário lembrar-lho.

Em 1552, o filho do Duque de Bragança D. Jaime, o nosso conterrâneo D. Constantino de Bragança, vai governar a Índia. Toma

Damão e rege as justiças com tacto, saber, rectidão e honestidade como era seu feitio.

O seu governo, que durou até 1561, foi exemplo de cordura e valentia.

Mais tarde, em 1568, D. Luís de Ataíde, ante a desorganização de então, defendeu Goa com tal firmeza, que tudo venceu após estirados meses de luta, voltando o Conde de Atouguia a Lisboa com os louros de herói, bem merecidos.

Na literatura avultou, à volta de 1560, Jerónimo Corte Real, que no seu poema «O Segundo Cerco de Dio e o Naufrágio de Sepúlveda» cantou em castelhano a epopeia de «Lepanto».

E contemporâneamente temos ainda Moniz Barreto e Cristóvão Aires, e na diplomacia Constâncio Roque da Costa.

Na acção missionária, não falando em S. Francisco Xavier, que a despeito de ser espanhol, em Lisboa embarcou para a Índia ao serviço de Portugal, depois de ter sido recebido por D. João III, e cujo corpo jaz em Goa, temos o herói de Maduré, São João de Brito, também nosso conterrâneo.

Foram à Índia em missão de soberania dois príncipes portugueses e lisboetas, D. Augusto, em 1871, e o Infante D. Afonso cerca de vinte anos depois.

Foram nos últimos tempos governadores-gerais do Estado da Índia o Almirante Joaquim Ferreira do Amaral e o General João Carlos Craveiro Lopes, pai do actual Chefe de Estado, que também é nosso conterrâneo e na Índia serviu com seu pai. É de Lisboa o actual Governador-Geral da Índia, General Bernard Guedes.

Muitos mais há certamente que naturais de Lisboa e servindo na Índia, pelos seus feitos e acções sobre eles poder não teve a morte mas é mais simbólica e sentimental, a nossa dissertação de hoje, do que histórica.

É certo, porém, que também a Índia, essa nossa província da Ásia, nos tem dado a esta nossa cidade de Lisboa valores de nome.

Só falarei dos mortos, e, evidentemente, quando digo Índia, não quero dizer somente indo-portugueses ou luso-indianos.

Basta lembrar os médicos e professores Alfredo da Costa e Gama Pinto, o primeiro obstetra e o segundo oftalmologista, ambos naturais da Índia e que pelos seus feitos mereceram fosse dado o seu nome a Institutos Universitários como a Maternidade Alfredo da Costa e o Instituto Oftalmológico Gama Pinto.

Lembro com saudade e orgulho que fui aluno do professor Gama

Pinto nos anos de 1918-1919 e que em 1920 ele fez parte do júri da minha tese de doutoramento.

Na Agronomia pontificou Cincinato da Costa, pai do actual professor de agronomia e autor de notáveis obras em que avulta o «Portugal Vinícola», edição monumental, cujas estampas são da autoria de Roque Gameiro.

Na Jurisprudência o Dr. Caetano Gonçalves que em 1947 dizia: «A Índia portuguesa é um nobre padrão da acção lusitana no mundo,



A assistência à sessão

que devemos empenharmo-nos em valorizar para nossa honra e proveito dos seus naturais», e que sendo goês foi Governador de Angola.

Na administração pública avultou o Engenheiro Elvino de Brito, notável economista e antigo ministro.

Ainda na Cátedra tivemos Agostinho Lourenço, o químico eminente da Escola Politécnica de Lisboa e Silva Teles, que era médico e foi grande geógrafo e professor universitário.

Os problemas da Índia, quer económicos, políticos, históricos, artísticos e científicos têm merecido sempre aos naturais de Lisboa e

aos Institutos literários e científicos da capital do Império a melhor atenção.

«Os colóquios dos simples drogas e cousas medicinais da Índia» publicados em Goa em 1563, essa hoje raríssima obra de Garcia da Orta, que a Biblioteca da douta, veneranda e centenária Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa é das poucas a possuir um exemplar, foram estudados e reeditados em Lisboa em 1891 pelo Conde de Ficalho.

Já em 1543 Gaspar Correia tinha escrito as «Lendas da Índia».

Bernardino António Gomes e Lima Leitão, estes dois ilustres professores da Escola de Lisboa trataram os problemas médicos e científicos da Índia e referiram a eficiência do Hospital Real de Goa que data de remotas eras e a Escola Médico-Cirúrgica de Goa fundada em 1842, que ainda perdura e que é a única Escola Superior portuguesa de ensino médico fora da Metrópole.

Prova provada de livre acesso dos naturais da Índia aos mais altos cargo da governação pública e até da cátedra.

Na sua recente obra «Índia Portuguesa» o Professor Doutor Gonçalves Pereira, Director do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade Técnica, que é também formado em direito, ele mesmo, goês de nascimento, diz, no prefácio da sua obra que datada do ano passado saiu dos prelos em Maio deste ano: «O que não é admissível é que a União Indiana pretenda libertar, os que não solicitaram a sua libertação, auxiliar, os que não pediram qualquer auxílio; proteger os que não carecem de nenhuma espécie de protecção».

Quer dizer a Índia tem estado sempre no coração dos portugueses como Portugal, agora e sempre, se tem afirmado, está no coração dos indo-portugueses.

Dadrá e os seus heróis, o Tenente de Cavalaria José Manuel Marinho Falcão e os seus homens são disso exemplo vivo.

Marinho Falcão, embora não lisboeta de nascimento, cursou em Lisboa o Colégio Militar, onde teve o n.º 75 e é de uma família lisboeta.

Por isso os «Amigos de Lisboa» neste momento vêm afirmar, em evocação simbólica, o seu interesse pela causa da Índia e a sua repulsa pela afronta sofrida.

Graças a Deus que no mundo culto se levanta um coro unissono de protestos contra o inclassificável atentado e cousa notável nestes conturbados tempos, em que as ideias políticas e religiosas tanto dividem, vemos reunirem-se à nossa volta as ideologias mais diferentes e as religiões mais antagónicas, hindus, maometanos e cristãos (católicos e não católicos) a reivindicarem a sua qualidade comum de PORTUGUESES.

Ísto mesmo se prova actualmente nos comícios realizados na Índia como por exemplo no de quarta-feira passada realizado em Pondá, onde pelas emissoras se ouviu dizer o mesmo em concani e em português para no fim se cantar em coro o hino nacional português.

Deus permita que o bom senso supere as fogosidades intempestivas dos desvairados por obsessões dementadas e continuem *Per secula se-colorum* as palavras de Afonso de Albuquerque, quando o grande capitão construtor do Império disse: «— Não há cousa em Portugal que valha metade da grandeza e da governança da Índia, e que das cousas da Índia... elas falarão por si».

Assim seja e que o espírito de São Francisco Xavier continue velando essas cousas que são tão nossas e a que tanto queremos.

Disse.



O mais antigo retrato conhecido de S. João de Brito
(1697)

O MONUMENTO A ALBUQUERQUE, EM BELÉM

pele Dr. MARIO NUNES COSTA
Conservador do Arquivo Nacional
da Torre do Tombo

COMPLETARAM-SE agora sessenta anos, a 5 de Junho. No segundo andar do prédio número dezassete da rua da Conceição da Glória, em Lisboa, compareceram nesse dia de 1894 o conselheiro Henrique de Barros Gomes, o Dr. Francisco Frederico Hoepfer, o Dr. Alfredo Augusto das Neves Holtreman, Augusto Aníbal da Costa Campos e João Gonçalves da Costa Novais. No andar morava o proprietário Eduardo Teixeira Dias de Castro, presente no momento como procurador de João Maria Correia Aires de Campos. Estavam ainda o tabelião José Maria de Barcelos Junior, que por largos anos teve escritório no n.º 265 da rua Áurea, e o escultor António Augusto da Costa Mota, casado e morador na rua dos Remédios, n.º 104-2.º andar, na freguesia de Santa Engrácia.

Não fora um afã partidário ou literatice o que ali os trouxera. Simão José da Luz Soriano, entre as suas generosidades finais, mandara fazer, por disposição testamentária, um monumento a Albuquerque. Em concurso para tal aberto e que a concorrência tornara difícil, Costa Mota (tio) obtivera em 1893 o primeiro lugar. Desde a revelação pública pelo busto de *Uma velha*, que os seus dotes artísticos, fundidos com os ensinamentos dos mestres António Augusto Gonçalves, Vítor Bastos e Simões de Almeida, vinham a afirmar-se com sucesso. Certa fora a escolha e garantido estava o nível da execução. Reduzir a escrito o contracto de empreitada, fiança e obrigação feito com Costa Mota pela comissão administrativa nomeada no testamento de Luz Soriano para construir e executar o monumento, tal era o fim da reunião naquele dia de 1894.

Memorando o pouco igualado gesto do escritor, historiador e político natural de Lisboa e aqui falecido em 91, o monumento — ficou determinado — teria um medalhão em bronze representando o testador. Uma inscrição sublinhá-lo-ia, lá se lendo hoje que foi por legado dele erigido em 1901.

A obra seria na razão décupla do modelo aprovado e toda executada em Portugal e por artistas portugueses, quanto possível com materiais

nacionais. O modelo já havia sido apresentado e exposto na Academia das Belas Artes; a planta e o alçado respectivo, submetidos à Câmara Municipal de Lisboa para aprovação, haviam-lha merecido.

A estátua de Albuquerque, o medalhão e alguns caracteres das inscrições seriam em bronze. Tudo o mais, em mármore branco ou pedra de lioz de primeira qualidade. Bronze e pedra teriam as devidas espessuras. Cantaria aparelhada; juntas verticais quanto possível sobre molduras corridas ou encobertas quando a supressão delas exigisse pedras de altura superior a 2 metros; leitos sobre leitos e juntas das pedras aparelhadas de modo que a largura das juntas não excedesse a usada; pernes e gatos para ligação das peças, em bronze ou cobre — tais eram alguns dos pormenores estipulados.

O monumento, de construção sólida, seria colocado na praça de D. Fernando, em Belém, de acordo com o plano de aumento e regularização dela. Implantado aproximadamente onde estava parte do antigo cais, marcaria no futuro o seu centro.

Far-se-iam as convenientes sondagens para verificar a solidez dos alicerces. Se elas não fossem satisfatórias, Costa Mota teria o encargo de, com acordo dum architecto da Câmara Municipal de Lisboa e aprovação desta, construí-los de modo conveniente.

A comissão reservara entretanto o direito de inspeccionar a obra e desde logo marcava dois seus fiscais: o escultor Vítor Bastos e o architecto Monteiro. As peças e os materiais de má qualidade seriam rejeitados sem indemnização; e qualquer dúvida que se levantasse sobre a execução seria resolvido por três peritos da especialidade, um de cada parte e o terceiro nomeado pela Academia.

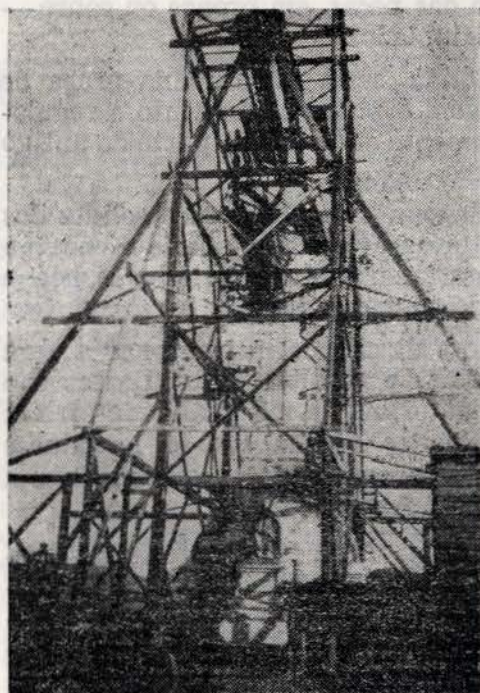
Dentro desta orientação, antes de se fundir a estátua de Albuquerque e antes de serem executadas as outras estátuas e baixos-relevos, a comissão e os fiscais examiná-los-iam, só depois de aprovados se seguindo a definitiva execução, a qual, bem como o assentamento de todo o trabalho, teria de estar concluído no prazo máximo de quatro anos, correndo todas as despesas por conta do escultor.

Por tudo a comissão lhe pagava 34 contos, quantia depositada na Caixa Geral de Depósitos com esse destino e à ordem do juízo do inventário pendente por óbito de Luz Soriano na quarta vara de Lisboa, cartório do escrivão Leone. Costa Mota podia levantar imediatamente 5 contos. Os restantes e os respectivos juros podê-los-ia ir levantando à medida que os trabalhos fossem sendo executados e aprovados, desde que excedessem os ditos cinco contos acrescidos do que pretendia levantar e mais dez por cento. Os últimos 3.400\$00 só seriam levantados, porém, após a conclusão e a colocação do monumento. Por fiador e principal pagador, no que respeitava aos cinco contos iniciais, ficava Aires de Campos. A falta de cumprimento integral do con-

trato ou a sua rescisão implicavam para o escultor a perda de todo o trabalho executado, sem mais abonos, podendo Aires de Campos, ou restituir os cinco contos, ou tomar o lugar de Costa Mota e fazer concluir os trabalhos (1).

★

Decorreram os anos. Não os quatro do contrato, mas oito, durante os quais, além da figura principal que encima o fuste manuelino,



O monumento em construção

Costa Mota modelou os baixos-relevos tão dignos de apreço que lhe ornamentam a base: *A resposta dada por Afonso de Albuquerque aos embaixadores do rei da Pérsia, A entrega das chaves da cidade de Goa, A tomada de Malaca e O governador recebendo o embaixador do rei de Bisnagá.*

Só em 1902, de facto, e não em 1901, como a inscrição pode fazer supor, se inaugurava o monumento na praça de Belém a que hoje dá nome o intemerato capitão das Índias. Ao princípio da tarde do terceiro dia de Outubro, a praça de D. Fernando recebia el-rei D. Carlos, a rainha, o príncipe D. Luís Filipe e os infantes D. Manuel e D. Afonso. Viam-se ministros, conselheiros de Estado, grandes do reino, membros das câmaras legislativas, titulares, pessoas da corte, a comissão administrativa do município de Lisboa com o estandarte da cidade, os testamenteiros de Luz Soriano, autoridades eclesiásticas, civis e militares, funcionários públicos e muitos cidadãos.

A praça estava festivamente engalanada. Fazia guarda de honra uma formatura de marinheiros e o Regimento de Infantaria n.º 1.

Suas Majestades e Altezas, acompanhadas pelas comitivas, entraram à uma e meia, sendo recebidas junto do pavilhão real pelas pes-

(1) Arquivo Nacional da Torre do Tombo — *Cartórios notariais — Lisboa — Barcelos Júnior — Livro de notas n.º 240, ff. 30-34.*

soas e corporações mencionadas. Em seguida, acompanhadas das mesmas pessoas, dirigiram-se para defronte do monumento.

Aqui, o conde de Ávila, presidente da comissão administrativa do município de Lisboa, dirigiu uma alocução a Suas Majestades, a que D. Carlos respondeu; e em seguida pediu a el-rei para descerrar a estátua de Albuquerque. Ávila entregou ao conselheiro Hintze Ribeiro, então presidente do Conselho de Ministros e ministro e secretário de Estado dos Negócios do Reino, os cordões da bandeira que envolvia a estátua. Este ofereceu-os a Sua Majestade e el-rei D. Carlos fez cair a bandeira.

Entusiásticamente correspondidos, soaram os vivas do estilo, levantados pelo conde de Ávila, a el-rei, à rainha, a D. Maria Pia e a toda a família real. A guarda de honra apresentou armas. As bandas de música tocaram o hino nacional. No ar subiram girândolas de foguetes, às quais se seguiu uma salva real das fortalezas e dos navios da divisão naval fundeada defronte.

Com a leitura do auto de inauguração, já no pavilhão real, e a sua assinatura, terminava a cerimónia (2).



Dos que por Belém hoje passam, talvez poucos recordem esse dia distante e a muitos só por acidente sucederá caírem-lhe os olhos na figura de Albuquerque, atirada aos céus por um feixe de colunas de evocação manuelina.

Frente ao rio, visionando as naus que levaram até à Índia uma vida material e espiritual que é mensagem de que os portugueses secularmente se têm orgulhado e um dos seus maiores padrões, o grande capitão paira sobre o arvoredado. Em poucos ângulos o monumento se oferece totalmente. Do trabalho de Costa Mota, encravado num jardim de sossego, são os baixos-relevos inferiores e os altos-relevos médios o que mais convida o passeante à contemplação, detido, porém, a, para tal, inadequada distância, por um círculo ajardinado sem entradas.

No alto, a figura de Albuquerque domina a praça. Ali perto, quase a seus pés, o Tejo abranda e baloíça, em sua natural homenagem a um construtor do Império.

(2) Arq. Nac. da Torre do Tombo — *Auto da solemne inauguração do monumento erecto na Praça de D. Fernando em Belem, a Affonso de Albuquerque* — Traslado de 5 de Outubro de 1902, destinado ao Arquivo Nacional e subscrito por Francisco Pedrosa de Lima, secretário da Câmara Municipal de Lisboa — *Gavetas*, 16-4-11.

O original ficou depositado no Arquivo dos Paços do Concelho.

DA LISBOA DE QUINHENTOS À LISBOA DA RESTAURAÇÃO

por FERREIRA DE ANDRADE

COM o dealbar do século de quinhentos a cidade de Lisboa — «entre todas excelente e maior» —, como a legendara, num gesto de gratidão e de justiça, El-Rei D. João I recebe novo impulso urbanístico.

Era já então o grande porto de mar de cujas águas, rumo a Marrocos, haviam partido as primeiras armadas da expansão portuguesa.

Na Escola de Sagres, o Infante D. Henrique traçara-lhe o seu destino encuménico. El-Rei D. Manuel, senhor de um grande Império, escreve, a letras de ouro, um novo ciclo na sua história. Uma nova era surge. Do Tejo partem as caravelas de Vasco da Gama e Cabral. Voltam cobertas de glória, descobertos novos mundos, expandida a Fé, dilatado o Império.

Senhora já dos mares, até então ignotos, rainha de horizontes vastos, a linda cidade do Tejo torna-se em breve a capital digna de uma grande Nação. Ascende às culminâncias do maior empório comercial do Mundo. Veneza — a grande Veneza — sente que uma nova rival surgira nos mares do Ocidente; toda a Europa a respeita e a inveja.

Portugal atinge, neste século de ouro, o mais alto grau do seu esplendor histórico. Lisboa, capital por direito próprio, incontestado, recrudescer, assim, de importância. No torvelinho das suas ruas cruza-se uma população cosmopolita de «muitas e desvairadas gentes»; acotovelam-se pescadores e mareantes, guerreiros e escravos, sábios e monges, homens de arte, poetas, escritores.

Na rua Nova dos Mercadores — a artéria principal da urbe, empedrada de novo, «deliciosa e bela», como a definiram os cavaleiros Tron e Lippomani, e a visionamos ao contemplar a maravilhosa iluminura de António da Holanda no Livro de Horas de D. Manuel, mercadores genoveses, árabes, biscaínhos e ingleses vendem os mais variados produtos de além-Atlântico, as especiarias do Oriente, o ouro de Sofala, o marfim da Guiné, ambar, madrepérolas, lacas de Pegú, porcelanas da China, diamantes e rubis.



D. Manuel ambicionara uma nova cidade, opulenta, dinâmica, mais bela ainda.

E uma outra cidade surgira. A população duplica. Erguem-se palácios, templos e mosteiros que ficaram a atestar, tempos fora, uma nóvel arquitectura, expressão simbólica das nossas descobertas, bebida nas artes decorativas do Oriente e do Sul.

Os Paços Reais descem do cômodo de São Jorge à Ribeira das Naus. Aí, perto das Tercenas, da vida fabril dos estaleiros, constrói o *Venturoso* o Paço da Ribeira, com seus salões refulgentes de ouro e de brocados e suas fachadas grandiosas sobre o rio e o Terreiro do Paço, praça já delineada no seu imponente as-

pecto de átrio da cidade. Perto, o Rossio de Santa Justa — enriquecido pelas edificações do Paço dos Estaus e dos templos da Nossa Senhora da Escada e de S. Domingos, com o seu convento, e o grandioso Hospital de Todos-os-Santos que D. João II, erguera, mas sòmente foi acabado no reinado de D. Manuel — perdera o ar rústico que até então conservara.

São já, como hoje, as duas grandes praças da cidade.

Com o impulso que recebeu no reinado de D. João I, Lisboa expandira-se para além da sua cinta de muralhas. Aqui e além, dentro dos limites da sua periferia, vicejavam ainda hortas e vinhedos, quintalejos e almuinhas. Em breve porém, num ritmo constante de construções, esses «vazios» desaparecem.

Surgem os bairros do Marquês de Vila Real e de S. Francisco, das Chagas, e Vila Nova de Santa Catrina. Valorizam-se os vales de Alcântara e de Andaluz. Promulgam-se medidas tendentes a evitar o desmoronamento de terras do morro da Alcáçova, para, assim, se facilitar a edificação de prédios desde as portas de Alfofa a Santo André. Para os lados de Santa Clara, caminhos das portas da Cruz, Lisboa estende igualmente os seus braços.

Vila Nova de Andrade com as suas ruas alinhadas, tal como a vemos na *planta de Braunio*, é bem o exemplo frizante do sentido urbanístico de então.

Os subúrbios perdem a rusticidade primitiva para se tornarem em admiráveis quintas, com as suas vinhas e pomares, jardins e casas de campo, e, onde a onde, marcando a génese de um desenvolvimento urbanístico local, erguem-se mosteiros e ermidas.

Alargada a cidade, aumentada sua densidade populacional, surgem novos templos: São Julião, Misericórdia, Conceição dos Freires, Santo António.

Serviços públicos beneficiam igualmente deste impulso renovador: A Casa da Moeda e da Índia, A casa da Sulpicação (no arruinado edificio dos Paços de-apar-de S. Martinho), as casas da Alfândega e dos Armazéns. Ao longo da Ribeira erguem-se os estaleiros, as Terceiras Novais e as da Ribeira das Naus.

Para os lados do Restelo manda D. Manuel construir a maravilhosa Torre de S. Vicente (de Belém) e a Igreja e o Mosteiro dos Jerónimos — padrão admirável das nossas descobertas do Além-Mar.

Para o lado oposto, na linha do Tejo, caminho de Xabregas, igualmente a cidade estende os seus tentáculos. O Mosteiro da Madre de Deus — como o dos Jerónimos — são já, então, uma afirmação do desenvolvimento da urbe no seu sentido lógico, natural: a linha do Tejo, razão primordial da beleza incomparável de Lisboa.

Ao iniciar-se a terceira década do século, início de um novo reinado, a capital do Reino, era bem, na definição admirável do Jorge Ferreira de Vasconcelos e cidade prima em nobreza e formosura; cidade propulsora de civilizações, cosmópolis maravilhosa, mater de continentes, Meca dos grandes artistas e intelectuais do tempo, a capital florescente de um vasto Império digno de El-Rei de Portugal e dos Algarves, Senhor da Guiné de Navegação e da conquista na Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia.



Um novo ciclo começa.

Epidemias e terramotos espalham, por vezes, o luto e a der.

O ritmo da construção é já outro. Cantudo a necessidade de novos centros urbanizados impõe-se. Lentamente, muito embora, Lisboa cede a naturais impulsos de expansão.

Na segunda metade do século, criam-se na cidade treze freguesias e, para além destas, começam a surgir, em breve, outros centros urbanizados que, alguns anos volvidos, se integram dentro de dois novos limites paroquiais.

Nuvens pesadas, cinzentas, ameaçam de novo o céu da Pátria. O sonho imperialista de um Rei Cavaleiro conduz a Nação à sua desgraça maior. Nos campos de Alcácer Kibir, El-Rei D. Sebastião, à frente da fina flor da gente portuguesa, lança-se heróicamente nos braços da morte. De novo Lisboa sofre.

Sessenta anos terríveis, dolorosos, de uma fictícia monarquia dualista envolvem-na na noite triste da nossa história. Não adormecera, contudo, a seiva do puro sangue português. A Pátria desperta e Lisboa — a portuguesíssima Lisboa — retoma, alfim, o seu caminho na História, ao depor nas mãos do Duque de Bragança o ceptro real. Rejubila nessa hera alta, magnífica, de exaltação nacional, para, desde logo, se preparar, estóica e paciente para uma luta sem tréguas nas campanhas da Restauração.

Erguem-se as defesas da cidade, a linha fortificada do Tejo e do Oceano até Cascais, os baluartes de Alcântara e da Cruz da Pedra.

Consolidada a Independência, Lisboa segue a sua trajectória de expansão e desenvolvimento urbano. Caminha de novo para o arrabalde; estende-se para os lados da Pampulha. Novos palácios, igrejas, mosteiros, devolvem à cidade o seu perdido ar de «insigne e formosíssima capital».

A sumptuosidade e a riqueza dos templos — onde, no dizer de um escritor coevo, «havia prata aos montes» — causavam o espanto de naturais e estrangeiros. A cidade, porém, parcos os recursos do senado, depauperado o Estado (consequência das Campanhas da Restauração) oferecia um aspecto desolador Lisboa era já outra.



Rolam os últimos anos do século XVII.

Lisboa, muito embora fosse ainda «um reino por si só, e como tal celebrada com os grandes títulos de insigne, imemoriável, famosa, nobilíssima, nova Roma, a maior da Europa» como escrevera encomiasticamente em 1696, o autor de «O céu aberto na Terra» tinha perdido já todo o seu esplendor, o seu ar de grande e invejada capital.

Necessário era que um sopro renovador de inteligente e cuidado urbanismo, que um forte impulso de construção, de monumentalidade, a impelisse uma vez mais na trajectória do seu destino de *mui nobre* cidade; necessário era recuperar todo um século perdido, esfumarrem-se as cicatrizes que os malefícios de algumas décadas de domínio de monarcas intrusos, de lutas pela independência da Pátria e do conseqüente descalabro financeiro, haviam traçado no seu rosto formoso.

A centúria do *Magnânimo* e de Pombal vai surgir em breve. Lisboa do Mestre de Aviz, Lisboa das Descobertas, prepara-se para um novo ciclo de magnificência, de fausto, de monumentalidade, prepara-se para receber, passado o traumatismo violento do sismo de 1755, os benefícios de um plano de arrojada concepção urbanística.

FOTOGRAFIAS DE LISBOA

(ATÉ 1870)

EXPOSIÇÃO

*que fez Eduardo Portugal na antiga
sede do Grupo «Amigos de Lisboa»,
rua Garrett, em 1952*

AS MARCAS DAS FOTOGRAFIAS E SEUS VENDEDORES:

Fotógrafos

Marrão — Rua do Caldeira, n.º 56 — Lisboa;

J. Silveira — Rua do Tesouro Velho, 27.

Vendedores

José Alexandre & C.^a — Rua do Chiado, n.ºs 10 e 12 — Lisboa;

António Aprá (Loja de Bijouterias) — Rua do Corpo Santo,
3 e 5 — Lisboa.

TIPOS

Mulher de «Capote e Lenço»;

Senhora de «Saia de Balão»;

Um cavalheiro — «Janota»;

Vendilhão de peixe — (rapaz com faixa e Carrete);

Os soldados da guarda e civis junto da Capela do Palácio das
Necessidades.

VEÍCULOS:

Uma sege no Largo do Pelourinho;

Trens no Largo das Cortes;

Carroças estacionadas junto das arcadas da Praça do Comércio;

Uma barca de banhos defronte da Praça do Comércio.

O «Leão da Estrela» (Passeio Público da Estrela)

VI — Fotografia Lisbonense — Rua dos Poiais de S. Bento, 37.

CASAMENTO DE D. PEDRO V — 18 de Maio de 1858:

Praça do Comércio — Pavilhão armado defronte do Cais das Colunas — Torreão nascente e multidão. Pavilhão armado, multidão, guarda formada e como fundo o Rio.

Retratos — Grupo com El-Rei D. Fernando e Família Real. D. Fernando.

«Fam. Real Port.» (Família Real Portuguesa). Pequena fotografia composta de 12 medalhas (2-3-6-3).

Grupo de oficiais e ajudantes (vista estero); no lado direito metade duma casa de madeira com varanda e com escada de acesso exterior — ? —.

«BAPTIZADO DO PRÍNCIPE REAL (D. CARLOS) — 19 Out.º 1863»:

Rossio — Quarteirão entre o L. de S. Domingos e a R. do Amparo; em 1.º plano multidão com trajos da época.

Quarteirão, parte entre o L. de S. Domingos-R. do Amparo parte entre esta e R. da Bestesga — Vê-se o 1.º monumento a D. Pedro IV.

1.º monumento a D. Pedro IV («Galheteiro»).

CASAMENTO DE EL-REI D. LUÍS — 6 Out.º 1862:

Desenho original aguarelado do *Pavilhão* levantado na Praça do Comércio, defronte do Cais das Colunas para recepção de D. Maria Pia de Sabóia, na sua chegada a Lisboa.

Praça do Comércio — A Praça com o pavilhão de recepção defronte do Cais das Colunas.

Idem na altura do desembarque.

Idem tomando o coche.

Arco e ala norte, decorado.

O cortejo no Rio.

RETRATOS:

Infante D. Luís, oficial de marinha.

D. Maria Pia — Busto.

D. Maria Pia — Quadro a óleo do Asilo D. Maria Pia.

Grupo no Chalet da Condessa — Sintra, Parque da Pena.

O vapor «Maria Pia», da Companhia Lusitana — 1864.

Memória comemorativa do casamento de D. Luís e D. Maria Pia, no Largo de S. Roque, em Lisboa.

ROSSIO:

Com o Teatro de D. Maria II e 1.º monumento a D. Pedro IV.

O lado poente e Carmo, 1.º mon. a D. Pedro IV e lado Sul (1861).
Teatro de D. Maria II e 1.º Mon. D. Pedro IV, vista da esq.ª da
Rua do Ouro.

Lado poente, lado sul e entrada da R. do Ouro e R. Nova do
Carmo (1862?).

O Rossio visto do Castelo de S. Jorge:

Quarteirão entre Calçada do Carmo e Largo do Camões,
Palácio Cadaval e Escola Académica entre 1865 e 1869.

Lado poente: do Convento do Carmo ao L. do Camões.

Rossio visto do lado Sul:

Teatro de D. Maria, Largo do Camões e Palácio Almada.
Teatro de D. Maria e 1.º quarteirão (norte/nascente).

Da esquina da Rua do Ouro; Teatro e quarteirão norte/nascente, entre 1864 e 1867.

O Teatro e o centro.

Bosque do Duque do Cadaval (2 aspectos)? 1862 ou 1864.

Largo do Camões (do Sul) com a Rua do Príncipe — Entrada
do Passeio Público — Vê-se também o Café do Príncipe
e um cartaz do Circo Price.

Tirado da entrada do Pátio do Duque de Cadaval.

PRAÇA DA FIGUEIRA:

Vista do Castelo

Vista do ângulo da Rua Augusta.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA:

Frontaria e Pelourinho em 1861.

» » » » 1862.

» » » » 1863.

Vista do Palácio Vila Franca — 1862?

Pelourinho (com grades), fundo Arsenal — 1864?

ARSENAL DE MARINHA

Almirantado — Vista estero, edição da Casa José Alexandre.

Ponte com uma corveta.

Sala do Risco — Ao fundo: «A Paciência».

Guindastes de rodas — 1861?

O «Balão» — 1860.

As forjas — Vêem-se prédios do L. do Corpo Santo; no alto o
prédio onde foi o Hotel Bragança.

O Rio visto do Arsenal (jusante) — Vê-se a ponte dos vapores de
Belém.

O Rio visto do Castelo — Vêem-se Cacilhas e Almada e, no rio, barcos de vela e a nau «Vasco da Gama» — 1859 ou 1860.
Panorama do rio, sobre a cidade, com o Castelo, S. Vicente e uma fragata de guerra, inglesa, de 2 pontes.
Cacilhas — A «Doka» com 2 barcos de vela 186...

PANORAMAS DE LISBOA:

Vistas:

Do Castelo — Praça do Comércio ao Vale de Pereiro 1860 ou 1862);

Do Monte — Sobre o Poente: 1.º plano muro com assentos;

Do Castelo — Sobre o Convento do Carmo e arredores;

Do Monte — Sobre o Desterro e Campo de Sant'Ana. (Vê-se a Praça de Touros) — 1860;

Do Monte — Sobre o local onde foi aberta a Avenida de D. Amélia, vendo-se a Igreja dos Anjos, a Ermida do Resgate, Sta. Bárbara, Charea e Anjos;

Do Castelo, vendo-se do Arsenal a Rua Nova dos Mártires (1862);

Do Castelo — Sobre S. Crispim e Sé, ao fundo o Rio;

» — » o Convento dos Loios?

AQUEDUTO DAS ÁGUAS LIVRES:

Em Campolide — Visto do lado norte (186...);

Visto do Largo de Santana,, ainda com a ponte de pedra sobre o Caneiro (1863).

Nas Amoreiras — Arcos e Mãe-de-Água, lado poente, vista das terras do Biaggi.

A Rua das Amoreiras — Arco e capela de Monserrate.

Chafariz das Janelas Verdes — com os carros dos aguadeiros;

» da Cruz do Tabuado — Aqueduto para o Campo de Santana e Escola Agrícola (1864).

CASTELO DE S. JORGE:

Vista de S. Pedro de Alcântara (1866?)

Terreiro defronte dos Quartéis (Alcáçova) com o empedrado às ondas e cisterna — Fotografia tirada pelo Ex.º Sr. Eng.º Augusto Vieira da Silva.

O Chão da Feira, visto da parada sul, junto da entrada.

ARCO DA PRAÇA DO COMÉRCIO:

Construção:

- 1.º — Fecho do Arco.
- 2.º Até à plataforma.
- 3.º Concluído com andaimes.
- 4.º — Com o grupo. 6 Out.º 1862.
- 5.º Depois de concluído.

ESTÁTUA DE D. JOSÉ — Frente — Posterior:

Torreão nascente (c/telhado), (1858).
Cais das Colunas, visto da ala nascente.

PALÁCIOS E EDIFÍCIOS:

Bemposta—Tem a escadaria de acesso à Capela inacabada (1870);
De Belém—Fachada sobre o jardim sul—Corpo central;
Das Necessidades—Fachada—Soldados da guarda, de calça branca;
Da Ajuda—Panorama—Vista do sul—Da Ribeira da Saída ao Palácio—Encosta da Boa Hora;
Das Soares, à Cotovia (Imprensa Nacional); no cunhal disco toponímico, em oval;
Recolhimento de Lázaro Leitão—Entrada (escadaria);
Pátio do Gerales—Palácio (fachada sobre o pátio).
Casa quinhentista da Rua dos Cegos, com o registo de azulejo (desaparecido).
O Limoeiro, visto da entrada da Rua da Saudade.
Hospital de S. José (Santo Antão), com a igreja inacabada.
«Estação principal do Caminho de Ferro do Norte»—Lado do Rio (Sta. Apolónia)—Fotografia original de A. S. Fonseca—L. S. João da Praça—Inaugurada em 1 de Maio de 1865.
Idem. Fachada.
» Interior (Gare e carruagens da época).
» Primitivo pavilhão, antes da estação estar acabada.
Uma locomotiva da época (linha da Beira Alta).
Parte traseira duma carruagem (aberta e com 3 pessoas (carruagem dos engenheiros).
Paço de Sintra—Conjunto. Vista da Quinta do Saldanha.

TEMPLOS:

Sé (Frontaria):

Saída da Procissão do Corpo de Deus (com Basílicas).
Vê-se no 1.º plano a parte superior da capela de Sto. António (1862).

- Capela de Sto. António (2) — Frontaria — Exéquias do Conde de Cavour (morreu em 6 de Agosto de 1861).
- Convento da Graça (antes do incêndio) e o Menino de Deus — Vista do Monte de Sta. Engrácia — Uma das fachadas.
- Convento dos Jerónimos — Fachada em 1862.
- » » » — Coro dos Reis e Torre (186...).
- » » » — Claustro, com lago e bancos de azulejo.
- Basílica do Sagrado Coração de Jesus — Frontaria (com a sacristia lateral inacabada), 1860 ou 1864 e o Passeio Público da Estrela, de onde é tirada esta fotografia (1862 a 1864).
- Igreja de Sta. Catarina, vista da Rua das Chagas.
- » » N. Sr.^a da Conceição — Frontaria — Com um baixo-relevo substituído por uma grade.
- Convento de Jesus e Ordem Terceira — Frontaria.
- » dos Paulistas e Calçada do Combro (do poente).
- Igreja dos Anjos — Frontaria.
- » das Chagas e Rua das Chagas (186...).
- Convento de S. Vicente e seu bairro. Vista do Castelo.
- » » » » — » » » Calç.^a da Estrela.
- » » S. Bento — Frontaria. Vista da Quintinha.
- Recolhimento das Comendadeiras da Ordem de S. Bento de Avis. Frontaria gradeada sobre o Largo.
- Convento das Salésias (Junqueira) — Frontaria.

ASPECTOS:

- Ribeira* — Praça dos Remolares (R. do Alecrim) com o relógio do Sol (meridiano).
- Largo do Corpo Santo* — C. S. Seymonds, 1856, visto do sul, com igreja e no fundo; no alto, palácio que foi o Hotel Bragança Col. Eng.^o Aug. Vieira da Silva.
- Rua de S. Paulo e Igreja de S. Paulo* (186...).
- Rua do Alecrim* — Tirado do meio da rua — Ao fundo o rio.
- O Loreto* — Igrejas do Loreto e da Encarnação (sem a Torre) e Chiado.
- Rua da Conceição* — Tirado do Monte de S. Francisco (186...).
- ? — Montes de pedra de demolição. Ao fundo, casas.
- Panorama* tirado duma torre da Igreja de S. Francisco de Paula Sobre Alcântara, Calvário, Santo Amaro e Ajuda.
- Junqueira* — Praia. Tirada do «Porto Franco».

Rua da Junqueira — Tirada de junto da Quinta do Saldanha, sobre o Poente.

A Cordoaria — Igreja da Memória e Alcolena, vista da margem Sul.

Ajuda. Palácio e Casas. Vista do Rio Seco (ponte).

» Casas. No último plano o palácio.

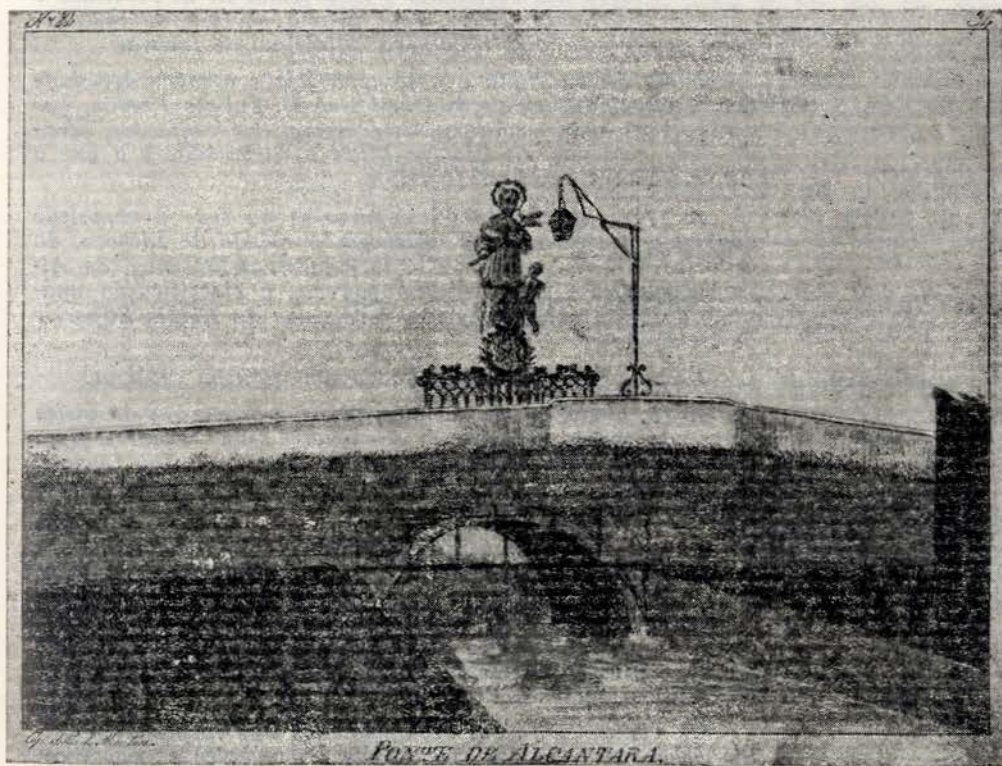
Torre de Belém. Vista de junto do Arco de Torre (1862).

» » » Outra vista semelhante.

» » » Em primeiro plano a bateria que existe junto.

? — Um chafariz — Onde?

Também foram expostas fotografias da «Colecção dos Cruzeiros» e dos «Nichos».



POENTE DE ALCANTARA.

A Ponte de Alcântara em 1826

ACTIVIDADE CULTURAL NO TRIMESTRE PASSADO

N OS termos do anunciado na circular n.º 136, realizou-se no domingo 11 de Julho a visita de estudo à cerca dos Jerónimos e às ermidas de S. Jerónimo e de Santo Cristo, esta última em via de restauro pelos serviços da Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa.

Dirigiu essa visita a nossa consócia e conservador-chefe dos Museus Municipais, a Ex.^{ma} Sr.^a D. Julieta Ferrão, que no local fez uma erudita palestra e deu aos visitantes, cerca de duas centenas, explicações sobre o encontrado e o que a Ex.^{ma} Câmara tenciona fazer.

A 17 do mesmo mês inaugurou-se na sede a exposição das maquetes da estátua «Alegoria à cidade de Lisboa», da autoria do novel escutor Ex.^{mo} Sr. Fernando Louro de Almeida, que com este trabalho mereceu a classificação unânime de vinte valores, na sua formatura na Escola Superior de Belas Artes.

Dessa exposição foi publicado um pequeno catálogo.

A 18, ainda do mesmo mês, realizou-se a segunda visita de estudo do Grupo à Vila de Alenquer e seus arredores. Essa visita foi dirigida pelo nosso consócio Ex.^{mo} Sr. Dr. Luciano Ribeiro, que sobre o assunto publicou uma pequena monografia.

Foram visitadas a Base Aérea da Ota, Olhalvo, onde está o Panteão dos Cunhas, Cortegana, onde João de Deus passou o verão de 1893 e onde deixou nas paredes da sala de entrada, da casa onde esteve, vários desenhos e poesias, ainda hoje conservadas. Foram também visitados Charnais e o seu convento, Merceana, Aldeia Galega da Merceana e as respectivas igrejas e Pelourinhos.

Os visitantes foram acompanhados nas respectivas visitas pelos mesários das respectivas Irmandades e pelo Vice-presidente da Câmara de Alenquer Ex.^{mo} Sr. Graciano Palha.

Em Agosto realizou o Grupo a visita de estudo à Quinta do Pisão, em Alcabideche, pertencente ao Albergue da Mendicidade da Mitra e sob a administração do Comando da Polícia de Segurança Pública de Lisboa.

Os visitantes, cerca de 300 pessoas, foram recebidos no local pelo Comandante da Polícia de Segurança Pública de Lisboa Ex.^{mo} Sr. Coronel Monteiro Libório, e pelo Director do Albergue Ex.^{mo} Sr. Capitão Godinho e pelo médico do Estabelecimento Dr. Henrique Ruas.

No edificio da nova capela, ainda em construção, usaram da palavra o Comandante da Polícia de Segurança Pública de Lisboa dando as boas vindas aos visitantes, o Capitão Godinho, que fez a história sucinta do Estabelecimento e o Secretário-geral do Grupo, que agradeceu a amável recepção dispensada.

A-propósito dos recentes acontecimentos da Índia Portuguesa, um grupo de sócios sugeriu e a Junta Directiva resolveu promover uma conferência na sede, sobre o assunto.

Foi convidado para a realizar o Secretário-geral, que sob o título «Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa», realizou em 13 de Agosto, na nossa sede, uma conferência, que foi presidida pelo nosso Vice-presidente Ex.^{mo} Sr. Gustavo de Matos Sequeira, secretariado pelos Ex.^{mas} Srs. Dr. Silva Pinto, que representava a Ex.^{ma} Câmara Municipal de Lisboa e o seu Vice-presidente, o nosso consócio Ex.^{mo} Sr. Luís Pastor de Macedo e pelo Vereador Sr. Leitão Branco. Fizeram-se representar várias colectividades e assistiram cerca de cem pessoas e ao facto se referiu largamente a Imprensa.

O conferente foi apresentado pelo nosso Director Tesoureiro, Ex.^{mo} Sr. Hugo Raposo, que disse da razão da sessão, que foi encerrada pelo Presidente, que leu uns versos da sua autoria, a pedido do conferente, versos que são também publicados neste número.

Neste número vem publicada na íntegra a conferência referida e fotografias da mesa que presidiu à sessão e da assistência.

Posteriormente, foi parte da mesma conferência transmitida pela Emissora Nacional no programa «A Voz da Cidade», de 27 de Agosto, por convite do respectivo organizador, o locutor Pedro Moutinho, filho do nosso falecido sócio n.º 1, Ex.^{mo} Sr. Abel Moutinho.

Já em princípios de Agosto, o Grupo tinha endereçado ao Ex.^{mo} Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa um telegrama a-propósito dos acontecimentos da Índia a quando da primeira manifestação popular, como se refere e transcreve na conferência citada.

E. N.

FEIRA D'A LADRA

NOTAS DISPERSAS ACERCA DE LISBOA

NO volume intitulado «Poesias e prosas inéditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita», um humorista do final do quinhentismo, publicado e anotado por Camilo Castelo Branco, topam-se algumas referências a Lisboa que são de arquivar.

No escrito a que o autor chama «Parrafo notável sobre as barbas», diz a certa altura:

«A sua bota é sempre picada, e tem alvará de Inverno para, na maior lama de Lisboa, não intender com ela a rua de Mataporcos.»

Isto que à primeira vista parece ter escasso interesse, adquire verdadeira importância, se ligarmos a referência a outra sinonímia local. Nesse tempo, chamavam-se As Lameiras, a um alargamento vizinho de Mataporcos. A razão dos dois nomes que documentavam bem o constante lamaçal desse ponto de Lisboa, que não era feito pela chuva, nem pelos habituais «água vai», estava em que no subsolo borbulhavam constantemente duas nascentes, pelo menos, como ainda hoje borbulham junto ao pavimento das «Conservas da Rua da Prata», que estão abaixo do antigo nível do solo cerca de dois metros. A água que borbulhava quase à flor da terra empapando-a, colhe-se agora, e desde a obra das Conservas feita no fim do século XVIII, quando da

reconstrução pombalina, nos vãos subterrâneos abobadados que já visitámos e que coisa alguma tem de obra romana. Se houve ali Termas, seria em tempos muito remotos.

Lobo Soropita, noutra passagem documenta a estreiteza legendária da Rua dos Fornos, dizendo a propósito dos extensos bigodes encerados, de mais da marca:

...«E se tem de passar pela rua dos Fornos ha mister de embainhar os bigodes ou ir à bolina como caravela em travessia.»

Outras frases picarescas de Soropita são igulamente de arquivar. O posto do Chafariz de Arroios, que se partia em duas estradas, serve-lhe de comparação às barbas mouriscas que se dividiam no queixo em duas; chama poço abonado ao Poço de Borratém; fala nos flamengos do Corpo Santo; e, aludindo à frequência de certo local, diz que é como pecado mortal em grade de freiras conversativas. Tudo isto são achegas de não deitar fora.

Outra alusão que dá um tanto que pensar é à Calçada do Combro, «onde as damas de um só olho tem abertos mais vizinhos que os que tem o pombal de João Baptista, de pombos».

Daqui entendemos uma referência aos encerados das janelas, tão usados no século XVI (tais quais o foram ainda no novecentismo as cortinas das seges, com um óculo debruado de metal), e concluímos também que a seriíssima calçada lis-

boeta era então habitada por gentio de pecado, que para melhor atalaiar a rua multiplicava os óculos do encerado.

O João Baptista, citado, era João Baptista Rovelasco, um italiano proprietário da casa que ao depois foi o Paço Real de Alcântara, e em cuja quinta ensaiou várias culturas exóticas e criava pombos de raça.

Estas pequeninas migalhas não se devem escovar. Quem sabe se um dia não serão sustento de esfomeados?

M. S.

UMA PÁGINA DE MEMÓRIAS

NAQUELA húmida manhã de Outono, em que seguia para as minhas ocupações diárias no habitual itinerário deste velho Bairro Alto, atento na leitura dos assuntos mais destacados nos jornais matutinos, não me surpreendeu a notícia vinda no alto de uma página: Faleceu Norberto de Araújo.

A pouco mais de uma semana, numa visita cultural do Grupo «Amigos de Lisboa», em amena conversa, o nosso prezado director sr. Hugo Raposo me revelou o precário estado de saúde em que desoladamente o foi encontrar na sua recente visita de amigo. Fiquei contristado, e, veio à minha memória os tempos de novato, em que era frequente reunir-me com Albino Forjaz de Sampaio e Norberto de Araújo na famosa Gruta Verde «que existiu ao cimo da Rua das Gáveas», para saborearmos uns bem preparados pastéis de bacalhau, regados com genuíno vinho verde que era o atractivo da casa.

Juntos, numa mesa de pedra, redonda, eu escutava atentamente a sua troca de impressões. Rabiscavam em compridos linguados de papel estupendos artigos para jornais que naquele tempo marcavam pelos seus idealismos; de seguida,

tomavamos café no botequim do «Pirilaus», sito na mesma rua, no 97 (onde hoje existe uma pequena oficina de carpintaria) e de comum acordo descíamos para a típica Mouraria, percorrendo as estreitas ruas, dos «Canos», dos «Alamos», dos «Vinagres», e, subindo os característicos «Alegrete» e o «Capelão», desembocávamos em Santo André.

Norberto de Araújo tomava preciosos apontamentos, que mais tarde aproveitou para o ambiente dos seus livros romancesados «Novela do Amor Humilde» e «Fado da Mouraria». Nas nossas habituais digressões a todo o momento nos apontava, um registo de azulejos, um curioso portal, uma sigla foreira, e as velhas casas da «Moirama». Já idealizava as futuras «Peregrinações em Lisboa». Era um poeta sensível, um constante sonhador.

Certo dia surpreende-nos com a publicação na Novela Sucesso do seu estranho conto «O Crime da Carne Branca». Forjaz de Sampaio fez-lhe a partida de escrever uma crítica irreverente no Século, (Edição da noite), onde pontificava; Norberto de Araújo, jornalista de porte altivo e ideias claras, amou-se, e abandonou a nossa companhia.

Rolaram os tempos. Envelhecemos. Cada um de nós seguiu rumos diferentes. Só alguns anos depois novamente o encontrava, em conferências ou visitas que dirigia nos «Amigos de Lisboa», e numa das tardes acolhedoras do nosso clima lisboeta ainda tive a grata surpresa da sua visita na minha loja, pedindo informes do meu fronteiro vizinho «Alfaia». Tomou rápidos apontamentos nos seus verbetes, e abalou sem me falar do Passado, preocupava-se no Presente com notáveis obras de assuntos «Alfacinhas», que nos legou, para retermos com viva saudade quando se erguer a Lisboa do Futuro.

A implacável lei da vida, levou-nos

este saudoso amigo. Ruiu mais um baluarte, dos primeiros que se ergueram em Fevereiro de 1936 para inciar a defesa da nossa velha «Lisboa», cidade que ele amorosamente desvendava, talvez

pelo motivo de um vulto Lusitano ter afirmado, que, no Mundo, fãcilmente das outras é princesa.

Teodoro Lopes Ramos



Pátio do antigo Palácio Murça

ÍNDICE DO 17.º VOLUME — 1954

	Pág.
A BEMPOSTA (O PAÇO DA RAINHA), por <i>Luís Moita</i> . (Conclusão)	39
A VIDA ATRIBULADA DUMA COMPANHIA LISBOETA DE VIAÇÃO, pelo <i>Eng.º António Pais de Sande e Castro</i>	13
ACÇÃO CULTURAL DO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA» DURANTE O ANO 1953	58
ACTIVIDADE CULTURAL DO GRUPO NO TRIMESTRE PASSADO, por <i>E.</i> <i>N.</i>	9, 104, 132 e 164
ALGUMAS ACHEGAS PARA A HISTÓRIA DA DEFESA DE LISBOA, por <i>Alfredo Ferreira do Nascimento</i>	63
ALMOÇO OLISIPONENSE	27
AOS AMIGOS DE LISBOA, VERSOS, por <i>Fernando Farinha</i>	35
ASSEMBLEIA GERAL DO GRUPO EM 1953 E 1954	51 e 95
COMEMORAÇÃO VICENTINA DOS «AMIGOS DE LISBOA», conferência na sede, pelo <i>Padre Correia da Cunha</i>	76
DA LISBOA DE QUINHENTOS À LISBOA DA RESTAURAÇÃO, por <i>Fer-</i> <i>reira de Andrade</i>	154
FEIRA DA LADRA	56, 106, 136 e 166
FOTOGRAFIAS DE LISBOA, por <i>Eduardo Portugal</i>	157
FUMOS DA INDIA, por <i>Matos Sequeira</i>	141
INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE MINIATURAS OLISIPONENSES, por <i>Guida Keill</i>	129
LISBOETAS NA INDIA E LUSO-INDIANOS EM LISBOA, pelo <i>Dr. Eduar-</i> <i>do Neves</i>	143
O MUSEU DA MARINHA, por <i>Henriques Marques</i>	36
O QUARTEL DA «GUARDA DO CORPO», NA AJUDA, por <i>Alfredo Fer-</i> <i>reira do Nascimento</i>	3

	Pág.
O MONUMENTO A ALBUQUERQUE EM BELÉM, pelo <i>Dr. Mário Nunes Costa</i>	150
PALAVRAS PROFERIDAS PELO DR. EDUARDO NEVES, RESPECTIVAMENTE NA VISITA À IGREJA DO SANTO CONDESTÁVEL E INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO BIBLIOGRÁFICA «AMIGOS DE LISBOA», respectivamente a págs.	10 e 134
PALAVRAS PROFERIDAS PELO DR. JOSÉ PINTO DE AGUIAR NA INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO ANTONIANA	11
UMA BRIGA NO CHAFARIZ DA RUA NOVA, por <i>J. M. Cordeiro de Sousa</i>	113
UMA FRAUDE CARTOGRÁFICA, OU COMO UMA VISTA DE LISBOA SE TRANSFORMOU NUMA VISTA DE NOVA IORQUE, por <i>Michel Benisovich</i>	109
UMA VISITA AO CONVENTO DA ENCARNAÇÃO, pelo <i>Dr. José Pinto de Aguiar</i>	117

A T E N Ç Ã O

ANTIGA OURIVESARIA **Miguel A. Fraga, L.^{da}**

PAVILHÃO DOS OURIVES

Largo Martim Moniz, 18

OURO, PRATA, E JÓIAS a baixos preços.

Telefone 28503

Os «Amigos de Lisboa»

preferem, para os seus seguros, a

IMPÉRIO

Uma COMPANHIA DE SEGUROS que honra Lisboa

TODOS OS PRODUTOS DA

COMPANHIA PORTUGUESA DE TABACOS

SUPERIOR, FRANCÊS, VIRGINIA, HOLANDÊS, TIP-TOP, VIC,
AVIZ, PROVISÓRIOS, TAGUS, LISBOAS, SPORTING, ETC., ETC.

são fabricados com ramas escolhidas, pelos processos mais modernos
para bem servir os fumadores

ÂNGELO G. RAMALHEIRA

— ENGENHEIRO CIVIL —

CONSTRUÇÕES
PROJECTOS DE ESTABILIDADE
BETÃO ARMADO

Avenida Sidónio Pais, 14, r/c.-E.
TEL. 4 9313 — LISBOA

— e —
Praça D. Filipa de Lencastre, 22, 6.º
Telefone 2 6251 — PORTO

CASA AFRICANA

Rua Augusta, 161/Telef. 2 4264-65 P. B. X./LISBOA
Rua Sá da Bandeira, 166/Telef. 1361 P. B. X./PORTO

Secções de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria, Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

Preços fixos e marcados em todos os artigos
ON PARLE FRANÇAIS ENGLISH SPOKEN

UM BOM LIVRO
UM BOM JORNAL

SÓ NA



MARCA REGISTRADA

COMPOSIÇÃO MECÂNICA



TRABALHOS GRÁFICOS
EM TODOS OS GÊNEROS



151, RUA DO SALITRE, 155—LISBOA
T E L E F O N E P B X 5 3 1 7 3 / 4

Secções de Tipografia, Encaderna-
ção e Pautação. Trabalhos simples
e de luxo

PAPELARIA CAMÕES

DE

AUGUSTO, RODRIGUES & BRITO
LIMITADA

Pincéis, telas e tintas de óleo, para
aguarela, desenho e guaches das
marcas: Lefranc, Windsor, Peliikan
e Schmincke



42 — Praça Luís de Camões — 43
Telef. 23063 — LISBOA

COMPRAMOS

LIVROS DE BONS AUTORES

GRANDES E
PEQUENAS
QUANTIDADES



Livraria Garrett, 36

L I S B O A

Adega

MESQUITA

de

Domingos Mesquita & Filho

TODAS AS NOITES

FADOS

E

GITARRADAS

RUA DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 107
TELEFONE 28307 • LISBOA

Edições da "PORTUGÁLIA"

SOBRE LISBOA



A CARAVELA E OS CORVOS

por SUSANNE CHANTAL. — Os
oito séculos da história da Capital,
num encantador livro de 500 páginas
30\$00

A NOSSA LISBOA

por MATOS SEQUEIRA e PAS-
TOR DE MACEDO. — Prémio «Jú-
lio de Castilho» da C. M. L.
40\$00

GUIA E PLANTA DE LISBOA

por NORBERTO DE ARAÚJO e
ANTÓNIO SOARES.
Edição portuguesa 15\$00
Edição francesa 15\$00
Edição inglesa. . . . 15\$00



À venda em todas as Livrarias

Sociedade Geral

de

Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Carga e expediente: **Rua do Comércio, 39** Telefone: 30551

FROTA

n/m ÁFRICA OCIDENTAL	1.560 T.	n/m CARTAXO	1.376 T.
n/m ALCOBAÇA	9.588 T.	n/m COLARES	1.376 T.
n/v ALCOUTIM	10.526 T.	n/m CONCEIÇÃO MARIA	2.974 T.
n/m ALENQUER	6.588 T.	n/m CORUCHE	1.376 T.
n/m ALEXANDRE SILVA	3.215 T.	n/v COSTEIRO	900 T.
n/m ALFREDO DA SILVA	3.643 T.	n/m COSTEIRO TERCEIRO	1.426 T.
n/v ALFERRAREDE	2.118 T.	n/m COVILHÃ	1.376 T.
n/m ALMEIRIM	9.588 T.	n/v CUNENE	9.800 T.
n/v AMARANTE	12.600 T.	n/v FOCA	2.060 T.
n/m AMBRIZETE	9.245 T.	n/v INHAMBANE	9.619 T.
n/m ANA MAFALDA	3.643 T.	n/v LUSO	10.125 T.
n/m ANDULO	9.245 T.	n/v MARIA AMÉLIA	3.005 T.
n/m ANTONIO CARLOS	2.974 T.	n/v MELLO	6.253 T.
n/m ARRAIOLOS	9.588 T.	n/v MIRANDELA	8.280 T.
n/m BELAS	7.259 T.	n/m SÃO MACÁRIO	1.221 T.
n/m BORBA	7.259 T.	n/v SAUDADES	6.430 T.
n/m BRAGA	7.224 T.	n/v SILVA GOUVEIA	1.353 T.
n/m BRAGANÇA	7.224 T.	n/v ZÉ MANEL	1.240 T.

TOTAL: 196.277 TONELADAS

REBOCADORES:

«AFRICA», «CINTRA», «ESTORIL»,
«FREIXO», «SÃO CRISTOVÃO»,
«SOURE», «PRAIA DA ADRAGA»
E «PRAIA GRANDE»

33 Batelões (7 de 500 T., 24 de 400 T. e 2 de 250 T.).

25 Fragatas de (2.300 T.)

1 Barca de água (250 T.)

1 Drago «BARREIRO» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m³ cada

EM CONSTRUÇÃO NOS ESTALEIROS DA C. U. F.

n/m «Rita Maria» de 3.600 T. e para 70 passageiros e n/m «Manuel Alfredo» de 3.600 T. e para 12 passageiros

CARREIRAS DE LISBOA PARA:

**NORTE DA EUROPA • NORTE DE ÁFRICA • CABO VERDE • GUINE • ANGOLA
ARGENTINA • ESTADOS UNIDOS • TERRA NOVA • GROENLANDIA
E COSTA DE PORTUGAL**

A COMPANHIA QUE MAIS NAVIOS TEM AO
SEU SERVIÇO, CONSTRUÍDOS EM PORTUGAL
NOS ESTALEIROS DA COMPANHIA UNIÃO
FABRIL NO BARREIRO E EM LISBOA

20
TOSSE ?

HORAS CALMAS



COM

BENZO-DIACOL